

## **BRASIL, UM PAÍS CHAMADO “DO FUTURO”**

## **BRAZIL, A COUNTRY CALLED “THE FUTURE”**

**Marcella Granatiere<sup>1</sup>**

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

**Resumo:** O presente artigo propõe uma análise do olhar do escritor austríaco Stefan Zweig sobre as relações étnico-raciais em seu livro *Brasil, um país do futuro*, produzido em 1941. São duas as vertentes trabalhadas para investigar a temática racial existente na obra: a primeira, a celebração da mestiçagem enquanto consequência de uma relação inter-racial 'pacífica', visão do país centralizada na raça, nas relações raciais, na mestiçagem está no pensamento social e nas políticas públicas e práticas culturais brasileiras. A segunda vertente estuda como, em contraposição à Alemanha, Zweig sugere o Brasil enquanto alternativa ao que chama de 'doença dos nossos tempos': o nazismo e a política racial de Hitler. Aqui a 'harmonia' racial brasileira e a mestiçagem funcionam como uma resposta plausível para uma 'civilização' futura livre do ódio e do racismo. O 'paraíso racial' de Stefan Zweig tende a apagar a subjetividade e identidade do negro e do mestiço, de modo que a narrativa de “Brasil, um país do futuro” ajudou a construir no imaginário social o conceito de uma nação mestiça, livre de preconceito racial.

**Palavras-chave:** Mestiçagem; Racialismo; Racismo; 'Paraíso racial'; Stefan Zweig.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do programa de Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC- Rio. [mgranatiere@gmail.com](mailto:mgranatiere@gmail.com)

**Abstract:** This article proposes an analysis of Austrian writer Stefan Zweig’s look on ethnic and racial relations in his 1941’s book: *Brasil, um país do futuro*. There are two approaches used to investigate the racial theme in his work. The first, is the celebration of miscegenation as a consequence of ‘peaceful’ interracial relationships. In this racially centered view of the country and in its racial relations, miscegenation is present on social thought, public policies and in Brazilian cultural practices. The second approach, studies how, in contrast to Germany, Zweig suggests Brazil as an alternative to what he calls the 'disease of our times', Nazism and Hitler's racial policy. Here, Brazilian racial ‘harmony’ and miscegenation function as a plausible response to a future ‘civilization’ free from hatred and racism. The narrative of *Brasil, um país do futuro* helped to build in the social imaginary the concept of a mestizo nation, free from racial prejudice.

**Keywords:** Miscegenation; Racialism; Racism; 'Racial Paradise'; Stefan Zweig

### **Stefan Zweig e o ‘paraíso racial’**

“Eu, como austríaco, como judeu, como escritor, como humanista e pacifista” (ZWEIG, 2014, p. 13). Deste lugar Stefan Zweig fala em sua autobiografia, *O mundo de ontem*<sup>2</sup> (1941), da vida na Viena dos Habsburgo, onde nasceu em 1881, em uma rica família austríaco-judaica. Ao longo das décadas de 1920 e 1930, Zweig se estabeleceu como o escritor de língua alemã mais traduzido e uma das figuras literárias mais respeitadas do período: era uma celebridade na Europa (DAVIS e MARSHALL, 2010, p. 19).

Em 1933, diante do fortalecimento político da Alemanha nazista, Zweig decide pelo autoexílio e escolhe a Inglaterra. O exílio é assim descrito pelo escritor: “[...] vivi geograficamente na Inglaterra, e não com toda minha alma” (ZWEIG, 2014, p. 350). Entre o sentimento de não pertencimento e a preocupação com a

---

<sup>2</sup> Stefan Zweig escreve sua Autobiografia: *O mundo de ontem* em 1941 em Ossining, NY, USA. Zweig e Lotte vivem em endereços diversos em Nova York entre Janeiro e agosto de 1941, após fazer a viagem pelo Brasil recolhendo informações para o livro sobre o Brasil. (DAVIS e MARSHALL, 2010).

Europa, Stefan Zweig viaja tanto quanto possível entre a ascensão de Hitler ao poder e a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Participa de conferências nos Estados Unidos e na América do Sul.

No encontro com o continente americano, mais especificamente com a América Latina, o olhar do intelectual cosmopolita tende a procurar uma alternativa de futuro para o mundo ocidental: “Se eu dera a Europa por perdida desde aquele último olhar para a guerra que chegava, comecei novamente a esperar e ter fé sob o cruzeiro do Sul” (ZWEIG, 2014, p. 353). O europeu Zweig lê a presença espanhola na Argentina como uma continuação da Europa, a cultura europeia transladada, renascida em Buenos Aires: “A visão da Argentina foi tanto mais feliz. Ali estava de novo a Espanha, sua antiga cultura, preservada em terra mais nova” (ZWEIG, 2014, p. 352).

Em 1927 o continente sul-americano para Stefan Zweig é uma curiosidade, mas se torna um objeto de pesquisa e esperança em 1932, após ler as *Mediações sul-americanas* (1932), do filósofo alemão conde Hermann Keyserling. O interesse maior de Zweig está no Brasil. Segundo seu biógrafo Alberto Dines<sup>3</sup> (2012): “[...] não é só interesse, curiosidade pelo Brasil, também é necessidade de alívio”. Entretanto, devido às ações políticas do novo chanceler alemão, Adolf Hitler, a viagem planejada para acontecer o mais breve possível tem de esperar mais três anos para se tornar realidade.

Em 1936, Stefan Zweig chega à cidade do Rio de Janeiro no navio RMS Alcântara, sendo sua primeira visita ao país. No cais do Rio de Janeiro, Zweig foi recepcionado por repórteres, representantes da comunidade judaica, representantes do governo de Getúlio Vargas e por seu editor brasileiro Abraão Koogan. Recebe tratamento de celebridade, condição não distante de sua realidade. Considerado um dos autores mais lidos da literatura alemã, Zweig era sucesso de vendas também no Brasil. Suas novelas, ensaios biográficos e históricos conquistam o público brasileiro antes mesmo de sua primeira visita ao país. Como explica Dines (2012): “[...] não há uma estante sem título de Stefan Zweig nas casas da classe média letrada”.

---

<sup>3</sup> Alberto Dines, crítico de cinema, roteirista, jornalista criador do observatório da imprensa e biógrafo de Stefan Zweig. Escreveu o livro: *Morte no paraíso, a tragédia de Stefan Zweig*.

O Brasil causa um impacto significativo em Zweig. A natureza, a convivência aparentemente mais gentil e pacífica entre as diversas raças leva o escritor a crer que “Ali – *Brasil* – o homem não era apartado do homem por teorias absurdas de sangue e origem” (ZWEIG, 2014, p. 353). As relações “não tão hostis” entre as diversas raças são, para o humanista Stefan Zweig, a constatação de que “lançara um olhar para o futuro”. Ao mesmo tempo, observa a destruição do passado pelo nazismo, pelo antissemitismo, ao qual chama de loucura, como escreve: “[...] a Europa parecia fadada à morte por sua própria loucura, a Europa, nossa pátria sagrada, berço e Parthenon da nossa civilização ocidental” (ZWEIG, 2014, p. 352).

Zweig, movido pela calorosa hospitalidade e cordialidade de seus anfitriões brasileiros, promete escrever um livro sobre o Brasil. Ainda nos primeiros dias de visita afirma em entrevista para o jornal *A Noite* (26/08/1936) que será o ‘Camelot’ do Brasil na Europa (DINES, 2009, p. 32).

Em 1938, a anexação da Áustria pela Alemanha – o *Anschluss* – seguida de uma série sistemática de reformas civis promovidas pelo governo nazista que aniquilaram os direitos civis dos cidadãos de origem judaica (DAVIS e MARSHALL, 2010, p. 28), tiveram efeito pessoal em Zweig. O escritor perde a cidadania austríaca e o direito ao passaporte austríaco; como o próprio Zweig explica, tal supressão o torna um “*refugé*”: “[...] indivíduo sem direitos, apátrida.” (ZWEIG, 2014, p. 362).

Hannah Arendt, em seu artigo *Stefan Zweig: Jews in the world of yesterday* (1943), assim descreve a nova condição de Zweig, “O Famoso Stefan Zweig passou a ser o judeu Stefan Zweig”. Ou seja, com o nazismo Zweig é definido de fora para dentro, pois, não importava se o escritor se via como europeu cosmopolita e nem se era famoso ou rico. Para o governo de Hitler a marca que caracterizava Stefan Zweig era ser judeu.

Para sua segunda visita ao Brasil, Zweig precisou de tempo para regularizar seus documentos. Como tinha residência fixa na Inglaterra, Zweig consegue o passaporte inglês, mesmo assim, por sugestão de seus amigos diplomatas brasileiros Jayme Chermont e o casal Caio e Yolanda Mello, entra com o pedido para naturalizar-se brasileiro (DINES, 2009, p. 36). No entanto, o governo brasileiro concede o visto de permanência em vez da cidadania, uma vez que o governo do Estado Novo impunha restrições aos imigrantes da guerra (DINES, 2009, p. 43).

Em 1940, entre o passado europeu, considerado glorioso, o presente em guerra e o futuro em novas terras, o escritor retorna ao Brasil. Desta vez a viagem tem como objetivo reunir informações para escrever o prometido livro sobre o Brasil, então, dedica-se a buscar bibliografia e pessoas que o ajudem a escrever sobre o país. Segundo a biografia produzida por Dines (2017, p. 401), Zweig conta com o apoio de alguns pensadores da época. São eles: o empresário, político e historiador da economia brasileira Alberto Simonsen, deu suporte teórico para a descrição do desenvolvimento econômico brasileiro; o jurista, político e historiador Afonso Arinos de Melo Franco apresentou a Stefan Zweig suas ideias sobre Montaigne e a origem brasileira da bondade natural. Dines explica (2017) que a tese de Arinos agradou a Zweig porque dialogava com o que pretendia escrever. Zweig também conversou com o então Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, sobre o papel dos jesuítas no ensino. O escritor contou ainda com a ajuda do cronista e historiador Luís Edmundo, o filósofo Antenor Nascente – seu professor de espanhol– e com a assistência de seu editor brasileiro, Abrahão Koogan.

Em janeiro de 1941 Stefan e Lott e Zweig, acompanhados por seu cicerone, D’Almeida Victor, repórter do jornal *A Noite*, embarcam para cumprir uma agenda intensa de viagens pelo país. Visitam as cidades históricas de Minas Gerais, Salvador, Recife e Belém. Visitam também uma fazenda de café no interior de São Paulo, fazendas de açúcar, tabaco e cacau no interior da Bahia. Ao longo da viagem Zweig reúne informações e impressões sobre Cultura, Arquitetura, História, Economia e População de cada cidade.

Tanto na primeira viagem, quando visitou a então capital Rio de Janeiro e São Paulo, enquanto convidado oficial do governo brasileiro, como na segunda, na qual teve como objetivo reunir informações para sua escrita sobre o país, uma visão de Brasil foi sendo construída por Zweig, centrada na cultura multiétnica e na mestiçagem como qualidades que asseguram o ‘paraíso racial’ brasileiro.

## **Brasil, um país do futuro**

Stefan Zweig busca uma resposta para uma questão relevante na primeira metade século XX, uma convivência possível “entre pessoas apesar da diversidade de raças, cores, religiões”:

Este problema central, que se impõe a toda geração, portanto também à nossa, é a necessidade de responder à pergunta tão simples e, ao mesmo tempo, tão imperiosa: como conseguir em nosso mundo uma convivência pacífica entre as pessoas apesar da diversidade de raças, classes, cores, religiões e convicções?

(ZWEIG, 2006, p. 17-18)

E aponta para o Brasil como provável solução para esse problema central:

Esse é o problema com que toda comunidade, todo país sempre volta a se defrontar. A nenhum outro país senão no Brasil ele se impôs em constelação tão complicada, e nenhum outro país – e é como grato testemunho disso que escrevo este livro – conseguiu resolvê-lo de maneira tão feliz e exemplar como o Brasil. Uma maneira que, na minha opinião não requer apenas a atenção, mas também admiração do mundo. (ZWEIG, 2006, p. 17-18)

Após visitar Belém, última cidade do roteiro do segundo encontro entre Zweig e o Brasil, o casal Zweig segue para uma temporada nos Estados Unidos. Em New Haven, Connecticut, durante sua estadia para rever familiares e cuidar de assuntos profissionais, Zweig escreve *Brasil, um país do futuro*. Considerado pelo autor como um livro de viagem, tem o intuito de falar aos estrangeiros, em especial aos europeus que visitam o Brasil pela primeira vez ou mesmo para quem não conhece o país, mas tem curiosidade de saber mais sobre o mesmo.

Ao terminar o manuscrito, Zweig não tinha o título definitivo para o “livro brasileiro”, ainda contava com o título provisório: *Um olhar sobre o Brasil*, designado por ele durante a visita ao nordeste (DINES, 2009, p. 18). Mesmo assim, o autor começa a cuidar das edições em língua inglesa, alemã e francesa. Foi neste momento que o tradutor para a língua inglesa sugeriu o título *Brasil, um país do futuro*. Alberto Dines descreve como aconteceu a decisão pelo título definitivo:

Em final de abril, finalmente, o título definitivo. Impactante, original, atíça a curiosidade do leitor. Um dos raros caso em que um livro torna-se a marca de um país. O autor da façanha é o tradutor para língua inglesa, James Stern, que pinçou a feliz expressão na epigrafe em francês escolhida por Zweig para abrir: *terre d'evenir*, país do futuro. Ben Huebsh<sup>4</sup> gosta, Zweig aprova, Koogan é comunicado em seguida, último a saber.

(DINES, 2009, p. 18)

O termo “país do futuro” tornou-se ícone da cultura moderna brasileira do século XX, uma representação ora positiva, ora negativa; funcionando como disparador para pensar o Brasil, para expressar desejos, frustrações. São inúmeras as citações ao “país do futuro” em periódicos, revistas, artigos científicos e livros ao longo do século passado e na contemporaneidade, como se pode ver nos fragmentos a seguir.

No jornal *Correio da manhã* – sábado, 20 de novembro de 1948 – o editorial “Arquitetura Florescente” apresenta como tema relevante do II Congresso Brasileiro de Arquitetos as casas populares; no último parágrafo, os organizadores do evento assim resumem os questionamentos:

Uma grande responsabilidade, a do segundo congresso. Precisa lançar as bases da nova legislação de modo a continuarmos sendo o país de presente arquitetônico, pois já estamos definitivamente cansados de ser, em tudo, *o país do futuro* (Grifo nosso).

(CORREIO DA MANHÃ, ed. 17079, 1948, p. 2)

No *jornal do Brasil* – domingo, 7 de julho de 1988 – a coluna “*Making Movie*”, do jornalista e produtor musical Luiz Antônio Mello, traz o texto “A punkadaria em Brasília”, no qual o jornalista sai em defesa dos jovens que causaram tumulto no show da banda de rock Legião Urbana em Brasília:

São jovens que estão há mais de uma década esperando o *país do futuro* chegar no presente. Sim, o país que jogou todas as cartas

---

<sup>4</sup> Ben Huebsh foi o editor de Stefan Zweig nos Estados Unidos.

na abertura política, nas eleições gerais, na constituinte. [...] São jovens que não temem cassetetes, patas de cavalo e muito menos anilina de brucutu. Por quê? Porque são inocentes. Se, há 20 anos, disseram que o Brasil era *um país do futuro*, o futuro pode ser agora. [...] os jovens que se engalinharam no Mané Garrincha representam outros milhões que elegeram o “*país do futuro*” um faroeste caboclo (Grifo nosso)<sup>5</sup>.

(JORNAL DO BRASIL, ed. 00093, 1988, p. 9)

Na revista *Suplemento Pernambuco* – julho de 2019 – há a entrevista com a jornalista, crítica literária e curadora portuguesa Isabel Lucas, concedida a Carol Almeida e Igor Gomes, cujo tema é o mais novo projeto da jornalista, um livro sobre o Brasil tendo como guia a literatura brasileira, provisoriamente batizado *Viagem ao país do futuro*:

Seu próximo livro surge como o título *Viagem ao país do futuro*. Essa ideia de “país do futuro” é muito cara à nossa história, particularmente para o momento que o país vive, de retrocesso brutais em todas as áreas de atuação governamental. Dessa forma, de que maneira o título funcionará como condutor de viagem nesse Brasil contemporâneo?

[..] A proposta desse título veio daí, por também ela conter essa ambiguidade, quase irônica. Concordei. Acho que se ajusta. Tentarei não me guiar por ela.

(REVISTA PERNAMBUCO, Ed.161, 2019, p. 9)

Para Stefan Zweig o sentido de *país do futuro* estava na existência da “igualdade civil absoluta” entre as diversas raças que formam a população brasileira:

Aquilo que em outros países, apenas ficou estabelecido na teoria e no pergaminho- a *igualdade civil absoluta* na vida pública e na vida privada –, aqui existe visivelmente no espaço real: na escola,

---

<sup>5</sup> Referência à música Faroeste caboclo (Legião Urbana), apontada por Luiz Antônio Mello na mesma coluna como recordista de execução em emissoras de rádios.

nas repartições, nas igrejas, nas profissões e no exército, nas universidades e nas cátedras. É comovente ver as crianças de todos os matizes da epiderme humana – chocolate, leite e café – voltando da escola abraçadas, e tal união física e espiritual atinge os níveis mais elevados, as academias e os cargos estatais (Grifonosso). (ZWEIG, 2006, p. 18-19)

O livro *Brasil, um país do futuro* é dividido em oito capítulos: os três primeiros são dedicados a temas gerais, História, Economia e Cultura; os cinco capítulos restantes tratam de temas específicos, são as impressões do escritor sobre cada cidade visitada, descrevem a arquitetura, a natureza e a população. Sobre essa última o olhar do humanista Zweig busca, insistentemente, evidenciar a convivência harmônica entre as diversas raças:

Quantas raças encontramos nas ruas: o senegalês negro de roupa rasgada e o europeu de terno bem-talhado, os índios com seu olhar grave e cabelos pretos e lisos, e, no meio disso, centenas e milhares de matizes, as mesclas de todos os povos e nações [...]. Tudo se mistura, e, com variedade das fisionomias, a rua se torna um quadro em constante mutação. Quanta arte, a de poder dissolver as tensões sem destruir os contrastes! De manter a diversidade sem querer ordená-la e organizá-la à força!

(ZWEIG, 2006, p. 179)

Lançado em agosto de 1941 pela editora Guanabara, o livro de viagem *Brasil, um país do futuro* é considerado fenômeno editorial, com oito edições lançadas quase simultaneamente em diferentes países (edições americana, inglesa, francesa, alemã, sueca, brasileira, portuguesa e espanhola) em meio a uma conflagração mundial (DINES, 2009, p. 19). Posteriormente, o livro contou com cinco edições brasileiras. Porém, foi na Argentina onde o livro teve a maior repercussão, havendo quinze edições nos primeiros dez anos da publicação. (DINES, 2012, p. 672)

A recepção da crítica brasileira foi negativa, em especial do editor chefe do *Correio da Manhã*, Costa Rego. No artigo “Os milhões de Zweig” o jornalista faz

severas críticas à visão de Zweig sobre a formação étnica do Brasil, o que pode ser conferido abaixo:

Homem de sua raça, Stefan Zweig não deixaria de impressionar-se no Brasil com a inteira ausência de qualquer preconceito étnicos. Os homens não se estimam aqui em razão da pureza das origens, “como cavalos de corridas e cães de exposição”: estimam-se, antes, em consequência do que realizam, venham donde vierem, sejam brancos, pretos, vermelhos, amarelos. Este fenômeno mereceu ainda recentemente agudas observações de um escritor brasileiro, Gilberto Freyre, como prova aliás da vocação colonizadora dos portugueses. Bastaria a Stefan Zweig consultar as mesmas fontes, e grandes perspectivas se abririam a seu conhecimento – eu diria melhor a seu entendimento – de nossa formação. (CORREIO DA MANHÃ, Ed. 14342, 1941)

O jornalista político Costa Rego ainda escreveu outros quatro artigos rejeitando o olhar de Stefan Zweig sobre o Brasil. Dines (2009, p.168 ) ressalta: “[...] o jornalista não examinava o livro, mas reagia ao que considerava ataque à imagem do país”. Qual imagem? A do protagonismo europeu representado pelo português? Da ausência de racismo? Nos artigos selecionados pelo biógrafo Alberto Dines – para o seu livro *Stefan Zweig no país do futuro, a biografia de um livro* (2009) – após o lançamento de *Brasil, um país do futuro* (1941), os jornalistas brasileiros apontam erros de dados históricos, acusam Zweig de ser superficial, há um debate quanto à imagem propagada no exterior pela escrita do autor.

No acervo da hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro encontram-se alguns artigos que problematizam a visão internacional sobre o Brasil, a partir de *Brasil, um país do futuro*, conforme exemplificado pelas indicações seguintes.

A primeira, na revista *O Malho*, na qual o jornalista e escritor Gastão Pereira da Silva exalta o fato de Zweig escrever para o mundo sobre o Brasil, cita autores e artistas europeus que também escreveram sobre o país antes do pacifista Zweig, tais como: Debret, Rugendas e Saint Hilaire. Porém, segundo Gastão P. Da Silva, a repercussão do trabalho destes artistas ficou entre nós, brasileiros. A obra de Zweig, por sua vez, fala a outros povos:

“Brasil, País do futuro” assinala, marca, afirma existência de uma grande nação, de um país maravilhosamente criado para um grande e esplêndido destino, mas que, apesar disso – com que tristeza o digo! – tem sido esquecido e mal compreendido pela maioria dos homens que nos têm visitado. Com Stefan Zweig dá-se outro fenômeno. Ele fez um livro para o Brasil e para o mundo. Já está traduzido em quase todos os idiomas e os editores mais famosos do estrangeiro anunciam a sua obra! Pela primeira vez, outros povos, outra gente, outros costumes, outras almas e outras índoles vão conhecer o Brasil. Vão viajar pelo Brasil, vão saber, em suma, que o Brasil é realmente o país do futuro! É sob esse aspecto que deve ser olhado o livro de Stefan Zweig.

(O MALHO, ed. 0021, 1941, p. 52)

A segunda, no jornal *Gazeta de Notícias*, na página 3, dedicada a comentários e editoriais, encontra-se uma crítica curta a Zweig, chamada “Narração retrospectiva”, na qual a imagem divulgada no livro sobre o Brasil e os brasileiros é considerada inapropriada:

[...] essa obra do peregrino hebreu não corresponde à verdade, do que sejam atualmente o Brasil e os brasileiros. Descrevendo-nos em 1941, o Sr. Zweig pinta-nos com um atraso de um século, apesar das suas referências a coisas e homens dos nossos dias. O novo livro do notável escritor internacional é segundo concluem, uma espécie de narração retrospectiva e deveria ser ilustrada com desenho de Debret. Assim, esse livro que se vai espalhar aos quatro ventos, traduzido em várias línguas, oferecerá aos leitores estrangeiros um quadro infiel da nossa atual situação de povo e de nação. Naturalmente, a intenção do autor, quando escreveu “Brasil, país do futuro”, fora para ser amável ou, pelo menos, desprevenido contra nós, que o acolhemos afavelmente, como vimos fazendo com todos os tangidos da Europa conflagrada...

(GAZETA DE NOTÍCIAS, ed. 00205, 1941, p. 3)

A imagem do país e do povo brasileiro no exterior atravessa as críticas positivas e negativas feitas ao escritor, pois há um consenso quanto ao impacto da obra no imaginário internacional, agrada aos críticos o Brasil ser apontado enquanto ‘esperança de civilização futura’ (ZWEIG, 2006, p. 23); já a representação de povo brasileiro desagradou parte da imprensa nacional que questiona a repercussão da mesma no mundo. Qual representação? A ausência de tradição própria? Do “paraíso” racial? Da celebração da mistura racial?

O pensador católico e intelectual Tristão de Athayde, em sua resenha de *Brasil, um país do futuro* para *O Jornal*, com o título “Brasil, visto de fora”, inicia sua reflexão sobre o texto de Zweig comentando a respeito da política externa brasileira, cita Joaquim Nabuco, Rio Branco e Ruy Barbosa para defender uma aproximação com os Estados Unidos levando em consideração o nosso “modo de ser nacional” e pondera:

Até que ponto já temos um modo de ser nacional, é a pergunta que naturalmente acode logo em seguida. Nem sempre, para reconhecê-lo, é preferível participar do modo de ser que procuramos analisar ou pelo menos reconhecer. Ver de fora é, muitas vezes, a condição de ver mais claro [...]. Não devemos, pois, desdenhar e antes procurar saber o que os outros pensam de nós. Um povo, como um indivíduo, é uma contínua renovação [...]. É bom também que não confiemos apenas em nosso juízo, sobre as coisas que nos dizem respeito de mais perto, e que, ao contrário procuremos saber e o que sobre nós se escreve, como nacionalidade em formação. (O JORNAL, ed. 06861, 1941, p.6)

Nesse contexto de “nacionalidade jovem”, “delírio nacionalista” – citando rapidamente a Europa – Tristão Athayde descreve Stefan Zweig enquanto nome de repercussão mundial e expõe sua crítica literária ao olhar que o autor dispensa ao Brasil:

É uma obra de jornalismo e de vulgarização, superficial sem dúvida, mas cheia de verdadeiro espírito de compreensão de nossa alma e por vezes de nossa história, a despeito de pontos de vista contestáveis. A nota que mais o impressionou foi a fusão de

elementos contrários que aqui se vem operando, sem que prevaleçam essas oposições violentas entre raças ou classes, que hoje tornam a Europa inabitável. A crítica que faz, sempre com luvas de pelica, a certos hábitos e modos de ser do nosso povo, longe de traduzirem qualquer má vontade, estão muito longe daquelas que nós diariamente fazemos. Não sei quantas restrições mentais terá guardado, em sua cabeça, o autor do livro. Pelo que publicou, não poderíamos incriminá-lo de querer diminuir um povo cuja “civilização” (pgs.149 e segs.) define com felicidade e com cujo modo de encarar a vida se sente grande afinidade. (O JORNAL, ed. 06861, 1941, p.8)

“Nacionalidade em formação” e “modo de ser nacional” são expressões usadas pelo intelectual, ao mesmo tempo, para pensar a recepção polêmica da obra por parte da mídia nacional e posicionar a interpretação de povo brasileiro em *Brasil, um país do futuro*, enquanto fruto da profunda simpatia de seu autor pelo país.

Na resenha publicada no suplemento *Book review*, do *The New York Times*, intitulada: “Um exilado vê o Brasil como o país do futuro”<sup>6</sup>, assinada pelo jornalista chileno Ernesto Montenegro (DINES, 2009), a questão racial é apresentada como a alma da narrativa de *Brasil, um país do futuro* já no subtítulo do texto: “Stefan Zweig encontra esclarecimento e tolerância entre as raças na república meridional.” (DINES, 2009).<sup>7</sup> Montenegro ressalta a importância das impressões de Zweig enquanto artista literário e ao mesmo tempo cosmopolita sobre a “harmonia” racial brasileira. Para o jornalista sul-americano,

Sua imagem idílica, que vem a funcionar como um espelho colocando frente a frente, um mundo em guerra e conflito, vergonha diante do espetáculo das nações sul americanas onde todas as raças, branca, negra, vermelha e amarela, vivem juntas

---

<sup>6</sup> “An exile sees Brazil as the land of the future” (NEW YORK TIMES, 1941, p. 9)

<sup>7</sup> “Stefan Zweig finds enlightenment and harmony among all races in the Southern republic. (NEW YORK TIMES, 1941, p. 9)

em fraternal harmonia (Tradução nossa).<sup>8</sup> (NEW YORK  
TIMES, 1941, p. 9)

No penúltimo parágrafo Montenegro (1941) declara: “Mr. Zweig acredita que a sorte do Brasil está realmente no desconhecimento das doutrinas de “*perilous living*”, ódio racial e segregação (Tradução nossa) ”.<sup>9</sup> Mesmo reconhecendo o impacto do nazismo no olhar de Stefan Zweig para o país, o jornalista chileno entende as relações inter-raciais, consideradas pacíficas pelo autor, como o tema central do livro.

### **Raça, mestiçagem e racismo**

Na introdução de *Brasil, um país do futuro*, Zweig conta sobre o seu impacto na primeira viagem ao Brasil. Fala da promessa de escrever um livro sobre o país, em paralelo, e expõe suas considerações sobre a situação da Europa em guerra. Aponta para ambivalência da raça enquanto fator de destruição dos europeus e razão para o futuro promissor dos brasileiros:

Pela sua estrutura etnológica, caso tivesse acompanhado a loucura nacionalista e racista da Europa, o Brasil deveria ser o país mais dividido, menos pacífico e mais conturbado do mundo. Nas ruas e nos mercados, é possível distinguir claramente as diferentes raças de que a população é composta. [...]para surpresa, descobre-se que todas essas raças, que já pela cor evidentemente se distinguem umas das outras, convivem em plena harmonia. (ZWEIG, 2006, p. 18)

Ao final deste primeiro encontro com o Brasil, descrito pelo escritor nas páginas iniciais do livro, seu último compromisso público oficial foi a conferência

---

<sup>8</sup> “*In this sense his is an idyllic picture, which comes to hold the mirror up to a world of war and strife, as if th shame it before the spectacle of a South American nation where all races, white, black, red and yellow, live together in brotherly harmony.*” (NEW YORK TIMES, 1941, p. 9).

<sup>9</sup> “*Mr. Zweig believes Brazil fortunate indeed in his ignorance of the doctrines of “perilous living”, race hatred and segregation.*” (NEW YORK TIMES, 1941, p. 9)

no Instituto Nacional de música intitulada “A unidade espiritual do mundo”. Nela, Zweig centra sua fala nos seus ideais pacifistas, no seu olhar para a América do Sul enquanto futuro do mundo ocidental, do humanismo. Para o germanista Jacques Le Rider (2017, p.57), “Zweig concebe uma *translatio* de seu ideal de unidade espiritual da humanidade do velho continente ao novo continente que ele descobre no Brasil<sup>10</sup>”. Como se vê no trecho a abaixo:

Por isso uma verdadeira pacificação do mundo no presente momento não poderá mais partir da Europa, muito menos da Europa sozinha. [...] e toda nossa esperança é dirigida a vocês povos jovens e ainda no frescor, que vivem para o futuro, não para o passado com ideias obsoletas. Vocês não estão contaminados pelo entorpecente da guerra, não têm no sangue o desejo de revanche. Seus países não estão superpovoados, não estão congestionados, e por isso vocês ainda respeitam cada vida humana. Vocês sabem que ainda há muito o que fazer em prol da nossa humanidade; em todo caso, coisas melhores do que sacrificar incontáveis seres humanos por conta de ciúmes nacionalistas [...]. Se hoje acreditamos em uma pacificação e no reordenamento do mundo, é porque sabemos que você, países do futuro, haverão de colaborar; somente com vocês, através de vocês, poderá ser concretizado o velho sonho da confraternização da humanidade. (ZWEIG, 2017, p. 133)

O parágrafo final da introdução dialoga com essa conferência, visto que tanto na escrita do livro quanto na fala de anos antes, Zweig reafirma seu olhar para um futuro, no qual “o sonho da confraternização da humanidade” pode se concretizar no novo mundo e ser uma alternativa à guerra, ao nacionalismo exacerbado e ao racismo do velho mundo:

---

<sup>10</sup> A conferência “ A unidade Espiritual do mundo” de Stefan Zweig foi publicada em 2017 pela Casa Stefan Zweig de Petrópolis, o livro inclui textos de pesquisadores germanistas com pesquisa sobre a obra e vida de Stefan Zweig. Todos os textos são traduzidos para espanhol, francês, inglês e português, e conta ainda com os textos originais em alemão.

É sobre a existência do Brasil, cujo o único desejo é a construção pacífica, que repousam nossas maiores esperanças de uma civilização futura e de pacificação do nosso mundo ocidental – devastado pelo ódio e pela loucura. Onde quer que forças éticas estejam trabalhando, é nosso dever fortalecer essa vontade. Ao vislumbrar esperança de um novo futuro em novas regiões em um mundo transtornado, é nosso dever apontar para este país e para tais possibilidades. (ZWEIG, 2006, p. 23)

Ao longo do texto de *Brasil, um país do futuro* são usadas expressões como: ‘experimento Brasil’; ‘projeto Brasil’; ‘construção pacífica’; ‘civilização futura’ e ‘harmonia’ racial, construindo um discurso político centrado na possibilidade de uma civilização livre de preconceitos baseados na religião e na cor da pele, mas sem falar da situação política do país. Para Zweig, o valor do país do futuro está na “ausência” de atitudes racistas, na ‘mistura’ racial e na convivência pacífica entre as múltiplas etnias, no ‘paraíso racial’.

Os três capítulos iniciais abarcam História, Economia e Cultura brasileira. O capítulo “História” é primeiro da sequência de três textos dedicados a temas gerais e abre com o relato da chegada dos portugueses ao território brasileiro:

Durante milhares e milhares de anos, o gigantesco território brasileiro com suas matas verde-escuras e farfalhantes, suas montanhas e rios e o mar ritmicamente sonoro jaz desconhecido e anônimo. À tarde do dia 22 de abril de 1500, subitamente brilham no horizonte algumas velas brancas. Caravelas bojudas e pesadas, com a cruz vermelha portuguesa nas velas, aproximam-se. (ZWEIG, 2006, p. 24)

A narrativa histórica segue evidenciando o protagonismo do homem europeu na construção da nação brasileira. As referências aos intelectuais, religiosos e líderes militares como: Manuel da Nóbrega, José de Anchieta, Mauricio de Nassau, Luís de Camões, D. Pedro II, é feita com certa reverência. Na figura dos jesuítas, Zweig compreende o europeu enquanto força aglutinadora na “criação” da cultura e da identidade brasileira:

Para moral conquistadora do século XVI, descobrimento é sinônimo de conquista, submissão, subjugação, privação de direitos, escravização. Os jesuítas, no entanto, “únicos homens disciplinados do seu tempo”, como chamou Euclides da Cunha, pensam além desse processo de rapina, pensam no processo de construção, nas gerações vindouras, e desde o primeiro momento antecipam no novo país a equiparação moral de todos para todos.

(ZWEIG, 2006, p. 36)

E Nobrega é, para Zweig, o “verdadeiro líder”, “a mão que escreveu a primeira folha” e declara: “obra sem exemplo na História” (ZWEIG, 2006, p. 40), refere-se indiretamente ao que chamou de ‘projeto Brasil’:

É um plano de campanha para o futuro que eles (jesuítas) traçam, e seu derradeiro objetivo permanece imutável ao longo dos séculos: formação desse novo país no espírito de uma única religião, língua e ideia. Por ter atingido esse objetivo, o Brasil tem uma eterna dívida de gratidão com esses primeiros criadores de seu conceito de nação.

Ao descrever a população indígena, Zweig a coloca em condição de inferioridade em relação aos europeus:

Precisamente porque a população nativa vive um patamar mais baixo é que não deve ser rebaixada para o estágio de animais e escravos, e sim elevada à condição humana, conduzida através do caminho do cristianismo para civilização ocidental. A ideia é desenvolver uma nova nação por meio da mistura e educação. É por causa dessa ideia criadora que, de um conglomerado de diferentes elementos, o Brasil passou a ser um organismo, dos contrastes mais visíveis fez-se uma unidade.

(ZWEIG, 2006, p. 36)

O negro tem o espaço delimitado à condição de sujeito escravizado na formação do país do futuro, é considerado a “força motora” que mantém as fazendas em atividade:

Ao longo de três séculos, o país importou três milhões dos dez milhões de escravos que o novo continente apanha na África pilhada e despovoada[...]. Durante muito tempo, o tráfico de escravo é considerado, no Brasil, não como o negócio mais honrado, mas sim como o mais estável. Financiado por Londres ou Lisboa, ele fornece ao fretador, bem como ao vendedor, lucros certos, graças à demanda sempre crescente [...]. Até boa parte do século XIX, é, cada vez mais, sobre os escravos que se apoia toda a economia. Sobre seus ombros se apoia todo o peso da produção colonial, enquanto os portugueses apenas supervisionam e comandam essa máquina de trabalho ativada com milhões de braços negros na condição de funcionários, inspetores ou empresários. (ZWEIG, 2006, p. 87,88).

Na descrição do passado colonial e escravista feita por Zweig percebe-se uma aproximação com o discurso da História oficial brasileira, pensada e debatida por intelectuais brasileiros e estrangeiros na segunda metade do século XIX. O historiador José Carlos Reis (2007) explica a necessidade, durante o reinado de D. Pedro II, de constituição da História brasileira e a importância capital do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)<sup>11</sup> neste processo:

A nação recém-independente precisava de um passado do qual pudesse se orgulhar e que lhe permitisse avançar com confiança para o futuro. Era preciso encontrar no passado referências luso-brasileiras: os grandes vultos, os varões preclaros, as efemérides do país, os filhos distintos pelo saber e brilhantes qualidades, enfim, os luso-brasileiros exemplares, cujas ações pudessem tornar-se modelos para futuras gerações. O IHGB produziu uma história biográfica, constituindo uma galeria de vidas exemplares que iluminavam a ação futura (Stein & Stein, 1964).

(REIS, 2007, p. 25)

---

<sup>11</sup> “O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro nasceu, em 1838, da aspiração de uma entidade que refletisse a nação brasileira. Contou com o patronato do imperador d. Pedro II, a quem foi dado o título de Protetor, o qual incentivou e financiou pesquisas, fez doações valiosas, cedeu sala no Paço Imperial para sede do Instituto, em seus passos iniciais, e presidiu mais de 500 sessões”. <https://www.ihgb.org.br> > ihgb > historico

A antropóloga Lilia Schwarcz (1993, p. 129) diz que o IHGB cumpria o papel que lhe fora reservado, ou seja, “[...] construir uma história da nação, recriar um passado, solidificar mitos de fundação, ordenar fatos buscando homogeneidade em personagens e eventos até então disperso”. Entre os nomes dos associados ao Instituto Histórico e Geográfico está o naturalista alemão Von Martius<sup>12</sup> que na década de 1840 propunha um plano para escrita da História do Brasil, e do seu projeto surgiu a primeira interpretação do Brasil-nação, que se entranhou profundamente nas elites e foi incutida na população brasileira no processo de escolarização (REIS, 2007, p. 26).

Von Martius evidencia dois tópicos temáticos para a constituição da História do Brasil. São eles: a mescla de raças, considerada pelo naturalista uma especificação do Brasil, e o foco em uma história da unidade brasileira, de modo que as diferenças deveriam convergir para uma única história nacional. Sobre as diretrizes pensadas por Von Martius, Reis (2007) concluiu:

Eis a história de que [...] as elites brasileiras precisavam para levar a diante a nova nação, nos anos 1840-60. Uma história que realizasse um elogio do Brasil, dos heróis portugueses, do passado distante e recente, que expressasse uma confiança incondicional nos seus descendentes. Uma, história que não falasse de tensões, separações, contradições, exclusões, conflitos, rebeliões, insatisfações, pois uma história assim levaria o Brasil à guerra civil e à fragmentação; isto é, abortaria o Brasil que lutava para se constituir como poderosa nação.

(REIS, 2007, p. 28)

As duas vertentes estabelecidas por Von Martius estão presentes na narrativa do “descobrimento” em *Brasil, um país do futuro*. Quando Stefan Zweig centra nos jesuítas o protagonismo na idealização do projeto de formação da nova nação e evidencia a aplicação de “soluções pacíficas” para as políticas tanto internas

---

<sup>12</sup> Karl Friedrich Philipp Von Martius, naturalista alemão e sócio correspondente do IHGB, foi o ganhador do concurso “Como escrever a história do Brasil” promovido pelo Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1844, cuja tese propunha uma “fórmula”, uma maneira de entender o Brasil. A ideia era correlacionar o desenvolvimento do país ao aperfeiçoamento específico das três raças que o compunham. (SCHWARCZ, 1993, p. 146)

quanto externas, tende a estabelecer um diálogo com os mitos do “descobrimento” constituídos com base no projeto do naturalista associado ao Instituto Histórico e Geográfico.

Quanto ao papel das raças que compõem o Brasil-nação proposto por Von Martius, Schwarcz (1993) comenta que a interpretação racial do naturalista alemão trabalha com a ideia da existência de uma hierarquia entre as raças:

A ideia era correlacionar o desenvolvimento do país com o aperfeiçoamento específico das três raças que o compunham. Estas, por sua vez, segundo Von Martius, possuíam características absolutamente variadas. Ao branco cabia representar o papel de elemento civilizador. Ao índio era necessário restituir sua dignidade original ajudando-o a galgar os degraus da civilização. Ao negro, por fim, restava o espaço da detração, uma vez que entendido como fator de impedimento de progresso da nação: “ Não há dúvidas que o Brasil teria tido”, diz Von Martius, “uma evolução muito diferente sem a introdução dos míseros escravos” (RIHGB,1844).

(SCHWARCZ,1993, p. 147)

Essa representação das três raças elaborada por Von Martius, de certa forma, aparece na obra *Brasil, um país do futuro*. O humanista austríaco se diferencia do pensamento do naturalista alemão quanto ao papel do negro no desenvolvimento do país. Enquanto Von Martius vê no negro um problema, Zweig o enxerga como a “energia motora”, o compara ao “carvão” e à “gasolina”, são “matéria-viva”, na concepção do autor:

Talvez seja o evento mais curioso da história econômica do Brasil o fato de ter que, em cada uma de suas épocas, faltar-lhe a melhor energia motora e ter que importá-la: nos primeiros séculos, o braço humano, no século XIX, o carvão, no século XX, a gasolina. [...], Mas como eles – *índios* – em virtude de sua constituição franzina, revelam-se fracos para o trabalho e os jesuítas repetidamente apontam para os éditos régios que protegem a população aborígine, a partir de 1589 começa a

importação regular do “marfim negro” da África. Em navios terríveis, chamados de “tunbeiros” porque metade dos negros apinhados e acorrentados morre já durante a viagem, cada mês e, pouco depois, cada novo carregamento dessa matéria viva são trazidos para o Brasil (Grifo nosso). (ZWEIG, 2006, p. 87)

Para descrever o negro no contexto histórico brasileiro, Zweig usa expressões como: “Marfim negro” e “matéria viva”, o “valor” do negro africano está na sua condição de sujeito escravizado. O escritor condenara escravidão, mas ao mesmo tempo, a vê como uma necessidade para a construção do Brasil-nação.

Nas últimas páginas do capítulo História, ao abordar a abolição dos escravos, Zweig descreve o “problema” da escravidão como um “conflito pessoal” para o imperador D. Pedro II, pois, “[...] é algo terrível para o imperador”, “[...] cresce sua impaciência para se livrar desta coisa odiosa” (ZWEIG, 2006, p. 77).

Logo, o relato da diáspora negra em *Brasil, um país do futuro* acompanha o apagamento da violência colonial escravista promovida na constituição da história nacional. Varnhagen<sup>13</sup>, considerado o fundador da história do Brasil (REIS, 2007), ao escrever *História geral do Brasil* nos anos de 1850, dedica poucas páginas aos negros e a questão da escravidão, “[...] por não considerar a presença negra boa, favorável à colonização portuguesa do Brasil, (os negros) fizeram mal para o Brasil com seus costumes pervertidos, seus hábitos menos decorosos, depurados” (REIS, 2007, p.44).

Na percepção de Zweig, o mal está na escravidão e não no negro, como apontado por Varnhagen. Esta sim, no olhar do escritor, era motivo de constrangimento para D. Pedro II. Mesmo assim, o tema é tratado na condição de fato econômico. O tráfico de negros escravizados, o mercado de pessoas escravizadas e alguns detalhes das funções exercidas pelo negro no período colonial e imperial estão no capítulo II, dedicado à economia brasileira. E assim exposto pelo escritor.

Apesar do preço alto, para o fazendeiro a aquisição de escravos continua tão indispensável quanto a de enxadas e pás. Um negro

---

<sup>13</sup> Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-78) é considerado o “Heródoto brasileiro”, portanto, o fundador da História do Brasil ao escrever *História geral do Brasil*. (REIS, 2007, p. 23)

forte, quando recebe uma boa chicotada de vez em quando, trabalha doze horas sem remuneração. Além disso, esse não apenas é um bom investimento de capital, mas ainda por cima traz juros, pois o escravo negro ainda multiplica as posses de seu senhor, mesmo em suas poucas horas de descanso, com os filhos que gera e que, naturalmente, passam como escravos gratuitos para o patrimônio do seu dono. Um casal de negros, adquirido no século XVI, em dois ou três séculos produz para família do seu senhor toda uma geração de escravos. Esses escravos representam a força motora que mantém as grandes fazendas em atividade, e como o próprio solo nessa terra vasta quase não tem valor, a fortuna do proprietário de plantações se mede pela quantidade de escravos, assim como na época do feudalismo, na Rússia, a fortuna de um fazendeiro era medida pelo número de “almas” que ele possuía. (ZWEIG, 2006, p. 88)

A narrativa de Zweig sobre a história da economia brasileira continua e a cada exposição dos diferentes ciclos econômicos, relata a importância, os desafios da agricultura para a formação da economia, e paralelamente, Zweig constrói a imagem das relações raciais na constituição do Brasil-nação e da brasilidade:

Esse processo de reequilíbrio, que ainda hoje está em curso – pois, graças à sua herança escura, o brasileiro é flexível por natureza – e que foi constantemente incentivado por uma mistura incessante da imigração africana e depois da europeia –, evitou que o processo de expansão orgânica parasse. Impediu uma divisão social em camadas muito rígidas e cristalizou mais o elemento nacional do que o particular. [...] Graças a essa transfusão e transplantação constante, o milagre da unidade brasileira perdura até hoje, quando, pelas maiores possibilidades de comunicação, as forças do rádio e do jornal tornam muito mais natural uma união nacional. [...] A centralização do governo no Brasil preparou desde do início uma forma totalmente unitária econômica e nacional, a qual, como se estabeleceu cedo e organicamente na alma do povo, também não pôde mais ser destruída no sentido econômico. (ZWEIG, 2006, p. 101)

Os dois sujeitos considerados ao longo da narrativa os mais atuantes na formação da raça brasileira – o negro africano e o branco europeu – são representados distintamente, no capítulo “Economia”. O sujeito negro é “analfabeto”, “criado de forma primitiva”, “mal-acostumado pelo trabalho escravo”; e o europeu migrante, por sua vez, é uma “injeção de energia”, “tem conhecimento técnico”, é um ganho “cultural” e “etnológico”:

Essa emigração de quatro a cinco milhões de brancos nos últimos cinquenta anos significou uma imensa injeção de energia para o Brasil e trouxe, ao mesmo tempo, um enorme lucro cultural e etnológico. A raça brasileira, cuja pele ameaçou escurecer cada vez mais com três séculos de importação de negro, volta a clarear visivelmente, e o elemento europeu, ao contrário dos escravos analfabetos e criados de forma primitiva, aumenta o nível cultural. O italiano, o alemão, o eslavo, os japoneses trazem de suas pátrias uma disposição inquebrantável para o trabalho, de um lado, e a exigência de um nível de vida mais elevado, por outro. Sabem ler e escrever, têm conhecimento técnico, trabalham em ritmo mais rápido do que a geração mal-acostumada pelo trabalho escravo e muitas vezes debilitada em sua capacidade de trabalho pelo clima, instintivamente, os imigrantes procuram por toda parte aquelas regiões semelhantes ao clima de sua pátria e às suas antigas formas de vida. Assim, são principalmente as províncias do Sul – o Rio Grande do Sul e Santa Catarina – que são animadas por esse novo ciclo do “ouro vivo”. (ZWEIG, 2006, p. 114)

A imigração europeia fruto das políticas de branqueamento é posta, por Zweig, enquanto consequência positiva do fim da escravidão, pois, causa um “surto de progresso” econômico e uma rápida adequação cultural, sendo assim, o “verdadeiro agradecimento pelo ato moral da abolição da escravatura” (ZWEIG, 2006, p. 115). Desta forma, estão expostos os elementos de formação da “civilização futura”, do “experimento Brasil”.

No capítulo “Um olhar sobre a cultura brasileira”, último dos temas gerais, apresenta a mestiçagem racial e cultural como base da construção da cultura brasileira. No primeiro parágrafo, Zweig (2006) coloca a ideia norteadora da sua imagem de Brasil: “Há quatrocentos anos, a massa humana ferve e fermenta no enorme caldeirão deste país, constantemente sendo mexida e recebendo novos ingredientes.” Cita Euclides da Cunha<sup>14</sup>, considerado por Zweig o “[...] mais genial conhecedor do povo brasileiro”, para afirmar a ausência de um tipo “antropológico” brasileiro e emenda na explicação do que considera o “legítimo” brasileiro:

No caso do legítimo brasileiro, todas as memórias dos primórdios que dormitam inconscientes sonham simultaneamente com os mundos primitivos de três continentes: as costas europeias, as aldeias africanas e as florestas americanas. O processo do abasileiramento não é apenas um processo de adaptação ao clima e à natureza, às condições espirituais e espaciais do país, mas acima de tudo um problema de transfusão.

(ZWEIG, 2006, p. 125)

A mestiçagem racial, ressaltada positivamente desde a introdução do livro, toma aqui, nas considerações sobre a cultura brasileira, a forma do mito originário da brasilidade – configurado nas raças negra, branca e índia; enfatiza a mistura racial e o mestiço como chave elucidativa da “harmonia racial” em sintonia com a imagem da identidade nacional em afirmação na década de 1930.

Ainda no capítulo “Um olhar sobre a cultura brasileira”, Stefan Zweig recorre à multiplicidade de combinações do jogo de xadrez para exemplificar a diversidade dos “tipos mesclados”, possíveis de serem observados nas ruas do Rio de Janeiro:

Quem anda pelas ruas do Rio, em uma hora vê mais tipos mesclados e até indefinidos do que em qualquer outra cidade durante um ano inteiro. Mesmo no jogo de xadrez com seus

---

<sup>14</sup> Euclides da Cunha – o autor de *Os sertões* – foi sócio efetivo do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, escreveu um artigo abordando “os problemas da nação” para a revista do IHGB, intitulado “Da independência à República” e tinha como objetivo a elaboração de um grande histórico desse vasto período.” (SCHWARCZ, 1993, p. 150)

milhões de combinações, das quais nenhuma se repete, parece pobre em comparação com esse caos de variantes, cruzamentos e mesclas, nos quais a inesgotável natureza se deleitou durante quatro séculos. (ZWEIG, 2006, p. 126)

A mestiçagem cultural é apresentada enquanto consequência desse encontro racial, todavia, “[...] os elementos constitutivos de sua cultura foram totalmente importados da Europa”. O eurocentrismo da formação cultural brasileira anula as contribuições indígenas: “[...] tanto religião e costumes quanto estilo de vida de milhões e milhões de pessoas não devem, na verdade, nada ao solo nativo” (ZWEIG, 2006, p. 126). E limita a participação do negro na formação da cultura nacional à música e à dança: “Se hoje alguns ritos e danças como o samba ou a macumba são declarados nacionais, a verdadeira situação é encoberta, pois foram trazidas pelos negros junto com duas correntes e marca de ferrete.” (ZWEIG, 2006, p. 127).

O retrato organizado por Zweig a partir do protagonismo do branco europeu, da infantilização do ameríndio e do silenciamento do negro africano tende a definir os sujeitos atuantes na projeção da “civilização futura” dentro de uma hierarquização racial, suavizada pela celebração da “harmonia racial”. Portanto, como explica a historiadora Jacy Alves de Seixas (2015, p. 170), “[...] percebe-se em várias passagens de *Brasil, um país do futuro* a presença, articulação e reforço de temas em elaboração e afirmação no interior da Historiografia e Ciências Sociais nas três primeiras décadas do século XX”.

A narrativa é construída em uma linguagem elogiosa. Zweig idealiza o futuro, renega o passado para celebrar a ausência de conflitos raciais no Brasil contemporâneo da Alemanha nazista. Tal espelhamento entre Brasil e Alemanha tende a refletir imagens, naquele momento em construção, posteriormente cristalizadas e constantemente reproduzidas pelos principais interpretes<sup>15</sup> do Brasil enquanto nação.

Estas múltiplas imagens, que reforçam a ideia de Brasil enquanto esperança para uma “civilização pacífica e humana”, atravessam os cinco capítulos de tópicos

---

<sup>15</sup> Intérpretes do Brasil é o conceito usado pelo professor José Carlos Reis em *As identidades do Brasil I*.

específicos, nos quais descreve a natureza e a arquitetura das cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, as cidades Históricas em Minas Gerais, Salvador e Recife, além de retratar uma fazenda de café no Estado de São Paulo e plantações de açúcar, tabaco e cacau no Estado da Bahia e, por fim, sobrevoa a Amazônia. Nesta diversidade de espaços e circunstâncias, o olhar de Zweig mantém atenção especial para a convivência entre as diversas raças que compõem a população brasileira.

O autor predominantemente centra suas observações na vida pública das grandes cidades brasileiras por ele visitadas – as ruas, os bondes, os eventos sociais e festas populares, a exemplo da então capital, Rio de Janeiro, com seus contrastes visíveis na geografia, na arquitetura e na diversidade cultural e étnica da população, que possibilita a Zweig construir um encontro entre passado e o futuro:

Para emocionar, uma cidade precisa ter em si tensões fortes e contrastes. Uma cidade que é só moderna é monótona, uma cidade atrasada se torna desconfortável com o local de luxo provoca tédio e mau humor depois de algum tempo. Quanto mais camadas uma cidade possui, e em quanto mais matizes de cores contrastes se graduem, mais atraente será: assim é o Rio de Janeiro. Aqui os extremos divergem muito e, mesmo assim, misturam-se em uma harmonia especial.

(ZWEIG, 2006, p. 178)

Cada detalhe do dia-a-dia da população carioca, para Zweig, simboliza a harmonia, a convivência, a coexistência pacífica na geopolítica da cidade: os bairros, as favelas, as avenidas modernas, as ruas do Rio antigo. O espaço público da cidade é o cenário da dissolução das tensões e afirmação da diversidade arquitetônica e cultural, elementos relevantes para composição do conceito de futuro livre de preconceito racial proposto por Zweig em *Brasil, um país do futuro*.

A interpretação de Brasil do escritor austríaco Stefan Zweig tende a reafirmar as ideias do racionalismo brasileiro, visto que a cada defesa da mestiçagem enquanto futuro, em cada crítica feita ao racionalismo alemão, sua utopia se aproxima do ideal do branqueamento da elite brasileira da época.

## O olhar atual do passado

“Um país cuja importância para as próximas gerações é inimaginável até fazendo as combinações mais ousadas” (ZWEIG, 2006, 15). O ‘país do futuro’ de Stefan Zweig com sua controversa imagem de ‘paraíso racial’, possibilitou-me identificar aspectos relevantes do pensar a diversidade racial nas décadas de 1920 e 1930 no Brasil.

Como apresentado neste artigo, o olhar do escritor sobre o Brasil reproduziu ideias, conceitos já existentes entre a elite intelectual nacional. Entretanto, o “livro sobre o Brasil” se tornou um fenômeno editorial tanto no país quanto no exterior, o que ajudou a divulgar a imagem de um Brasil não-racista que, de certa forma, se manteve no imaginário nacional e internacional ao longo do século XX, visão esta hoje criticada e fortemente combatida por parte dos pesquisadores das disciplinas de Ciências Humanas e militantes antirracistas.

O ‘paraíso racial’ de Stefan Zweig e da elite do pensamento racial brasileiro foi, por vezes, percebido como tempo passado, principalmente diante da ampliação das discussões sobre raça e etnia no campo político, reivindicadas pelo movimento negro, durante a Assembleia Constituinte, o que assegurou um avanço consistente dos direitos para a população negra na Constituição Federal de 1988. Na literatura também se observou dois movimentos igualmente relevantes. Por um lado, mais escritores negros são visibilizados no mercado editorial, em especial a partir de editoras preocupadas com este tipo de autoria, além da participação em eventos literários por todo o país. Por outro, as representações de personagens não brancos começam a figurar com mais recorrência em nossa literatura, oferecendo perspectivas sociais diferentes.

Após esse período de conquistas e avanços no campo político e social, que apontava para um ‘país do futuro’ com menos desigualdades, o conservadorismo reconquista espaço na cena política nacional e internacional, nesta segunda década do século XXI. No caso do Brasil, os símbolos da formação do “ser brasileiro” vigentes no início do século passado são mais uma vez retomados e são trazidos ao epicentro da História contemporânea. Os debates e embates entre as diversas camadas da sociedade civil brasileira desde 2018 trazem em seu discurso a ressignificação da identidade nacional unificada. ‘O Brasil acima de todos’ torna-se o caminho de volta ao apagamento do diferente, seja no campo discursivo, seja

nas políticas públicas – que tem como alvo, mais uma vez, intervenções limitadoras na Educação e na Cultura.

Mesmo se o conceito de ‘paraíso racial’ é, atualmente, uma ideia desmontada para os pesquisadores e pensadores do campo das humanidades, as alusões à linguagem do racismo e do racismo nas falas de representantes do Estado, nas mídias sociais, no ambiente de trabalho, nos bares e nas reuniões de família nos anos de 2018 e 2019 apontam para a necessidade de estudos direcionados para o entendimento das narrativas que ajudaram na construção da brasilidade e no reflexo de suas ideias nas ressignificações da identidade nacional.

A obra *Brasil, um país do futuro* está inserida entre essas narrativas. A imagem de ‘país do futuro’ produzida por seu autor continua a causar reações contraditórias em quem a lê. Contudo, a compreensão dos símbolos nela descritos pode levar à percepção de como olhares atuais estão reativando o passado.

### **Referências Bibliográficas:**

- DENIS, A. (2012). *Morte no Paraíso, A tragédia de Stefan Zweig*, Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 4ª edição.
- DINES, A. (2009). *Stefan Zweig, No país do futuro, A biografia de um livro*, Rio de Janeiro, Ed. EMC.
- DAVIS, J. D E MARSHALL. O. (2012). organização e introdução, *Stefan & Lotte Zweig, Cartas da América Rio, Buenos Aires e Nova York, 1940-1942*, tradução Eduardo Silva e Maria Graça de S. Salgado, Rio de Janeiro, versal.
- SEIXAS, A. J. (2015) artigo *Brasil, país do futuro: política do esquecimento e imagens identitárias da denegação*, Piracicaba, ed. Metodista. <https://www.metodista.br/revistas/revistasunimep/index.php/impulso/article/view/2835>
- REIS, C. J. (2007) *As identidades do Brasil I*, De Varnhagen a FHC, 9ª ed. ampl., Rio de Janeiro, Ed. FGV.
- ZWEIG, S. (2006) *Brasil: um país do futuro*. Tradução: Kristina Michahelles. Porto Alegre, Ed: L&PM,

ZWEIG, S. (2014). *Autobiografia: o mundo de ontem*, Tradução: Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Zahar

ZWEIG, S. (2017). *A unidade Espiritual do mundo*, Casa Stefan Zweig/ memória Brasil, Rio de Janeiro, Ed: edições de Janeiro.